

RESENHA

CHAPELL, Bryan. **Pregação Cristocêntrica**: um guia prático e teológico para a pregação expositiva. 3ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2016. ISSN 2965-5234

Bryan Chapell (PhD em Comunicação e Mestre em Divindade), se destaca pelo profundo conhecimento teológico e notável capacidade retórica. Com 68 anos de idade, e quase 45 de casamento, o ex-diretor do *Covenant Theological Seminary* é pai de quatro filhos e avô de um crescente número de netos. Embora tenha sido pastor titular da Grace Presbyterian Church por muitos anos, atualmente é secretário da Igreja Presbiteriana na América, dedicando-se majoritariamente à família, às conferências, e à escrita de livros. Tendo muitas obras publicadas, destaca-se em língua portuguesa “Pregação Cristocêntrica”, objeto de análise desta resenha.

Como bom presbiteriano que é, pode-se resumir as perspectivas teológicas do autor como reformadas. Há uma profunda crença na escritura como única regra de fé e prática, e na sua proclamação querigmática como inerentemente poderosa (p.18- 19). Não obstante, pode-se ir além, e perceber um incomum – porém salutar – apego à Teologia Bíblica (TB) como instrumento hermenêutico, ao ponto de demonstrar ser adepto do método Histórico-Redentivo do Geerhardus Vos. Isso o aproxima demasiadamente do Sidney Greidanus (que é referenciado mais de 20 vezes na obra), e o distancia do James Braga, homileta autor do clássico “Como preparar mensagens bíblicas”, de 1969.

A tese central do autor é de que qualquer sermão bíblico deve considerar o contexto da autorrevelação de Deus na Escritura, sendo, portanto, teocêntrico; o sermão bíblico deve partir daquilo que o autor chama de FCD – Foco na Condição Decaída – que vê o homem como incapaz de salvar a si mesmo, ser bom ou mesmo plenamente feliz, sendo, portanto, dependente de Deus e sua graça (o que evita mensagens antropocêntricas, moralistas ou de autoajuda). Deste modo, considerando Deus como centro e partindo do homem como alguém que necessita urgentemente de salvação, a pregação se tornará sempre e inevitavelmente cristocêntrica, não por alegorias ou jogos de palavras, mas por apresentar a realidade da condição humana e Cristo como solução divina (p.320).

Para defender esta tese, o autor articula sua argumentação em onze capítulos principais, divididos em três sessões organizadas de forma bastante curiosa: começando com uma introdução conceitual e técnica; indo para uma parte mais prática, na qual a estrutura sermonal é discutida; concluindo com um retorno à teoria, articulando sobre as aplicações da Teologia Bíblica à

homilética. Depois disso, o autor adiciona dez apêndices extremamente práticos e até mesmo situacionais, o que facilmente poderia ser mais uma sessão capitular.

Dos capítulos 1 a 4, no que compreende a primeira parte da obra, o Dr. Chapell apresenta o perfil do ministro e o que Deus espera dele, reciclando os conceitos clássicos de *Logos*, *Pathos* e *Ethos*¹. Em seguida, ele aborda três elementos que considera chave em qualquer sermão: unidade temática (a ideia concisa e nuclear do sermão), foco na condição decaída (o problema prático que motivou a redação do texto ou que ele irá ajudar a solucionar), e aplicação (parte ortoprática da mensagem). Nos capítulos 3 e 4 ele discute o processo que antecede a preparação do sermão, desde a escolha do texto, aos recursos necessários à uma boa hermenêutica (e aqui ele combina o tradicional método histórico-gramatical com o redentivo), e prossegue até o momento da entrega, tratando da atitude do ministro diante de seu público (isto é, com uma autoridade humilde, que se ergue como arauto da Escritura e se esconde em Cristo), perpassando pelos diferentes tipos de abordagem do conteúdo e priorização, utilizando gráficos tão complexos quanto a própria argumentação.

A sessão prática vai criar uma distinção entre sermão e esboço, abordando-os de forma detalhada e separada nos capítulos 5 e 6, respectivamente, e apresentando métodos e técnicas para elaboração deles. Nos capítulos seguintes, o Rev. Bryan aborda as demais partes que compõem a estrutura do sermão, com uma curiosa (e talvez exagerada) ênfase na ilustração, um destrinchamento das aplicações (com um retorno aos estranhos gráficos do capítulo 4), e um panorama geral da Introdução, Conclusão e Sentenças de Transição.

A última sessão do corpo do livro (considerando o que vem depois como um extra) é, talvez, a mais interessante, onde – como já fora citado – a teologia bíblica brilha e o título da obra ganha sua razão de ser. Faz sentido a parte mais importante ocupar o último lugar aqui, pois se faz necessário toda carga conteudal que foi apresentada até o momento. O autor demonstra, com clareza, como qualquer sermão, seja ele temático, biográfico ou até textual, pode (e deve) ser expositivo e cristocêntrico, tendo os pés firmados (argumentação) e os olhos fitos (objetivo) na redenção. Sua tese central é bem articulada e repetidamente exemplificada.¹

Há também os apêndices: 76 páginas de dicas práticas, sugestões de textos, e recomendações literárias para as mais diversas circunstâncias, as quais proporcionam ao leitor o desejo de manter este livro sempre ao alcance da mão. É desnecessário dizer o quanto o livro “Pregação Cristocêntrica” é bom e enriquecedor. Se R. C. Sproul (*in memoriam*) disse tão

¹[1] De maneira sintética, a retórica aristotélica é composta por três pilares: Logos, que representa a lógica, a razão; Pathos, que é o emocional, metafísico; Ethos, de onde vem o termo “ética” e aponta para a práxis.

categoricamente ser este o melhor livro de homilética que já leu, é preciso muita coragem e bagagem intelectual para discordar dele.

Não obstante, se uma apreciação crítica for cabível, pode-se dizer que talvez a maior qualidade do Dr. Chapell seja também seu maior problema: sendo ele um cientista da comunicação, às vezes suas orientações parecem rígidas, mecânicas, capazes de travar um leitor inexperiente e deixá-lo mais nervoso do que o necessário sobre certos aspectos secundários da preparação e entrega do sermão. Parece haver pouco ou nenhum espaço para espontaneidade e naturalidade. Isso se torna mais gritante no Apêndice I.

Claro, é excelente uma apreciação técnica da pregação. Se os ímpios preparam suas palestras e defesas sob a lente de especialistas, porque os filhos de Deus não podem fazer o mesmo? Não se pode, contudo, esquecer que Deus usou profetas distintos como Isaías e Amós, e apóstolos de personalidade e jeito opostos, como Pedro e João, e cada um com seu tom e articulação, foi instrumento do Redentor. Como o próprio autor aborda no capítulo 1: a Palavra é inerentemente poderosa.

De um modo geral, este livro é indispensável para estudantes e pregadores que desejam se aprofundar na arte da pregação bíblica. Embora a leitura seja um pouco mais elevada do que o público geral da igreja esteja acostumado, os acadêmicos não terão maiores dificuldades. Não se pode, contudo, entrar e sair de um curso de homilética sem passar por este diamante da teologia prática.

Me. Guilherme Alves da Silva